



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

UM PINTOR DO SÉCULO XVIII

Jerónimo de Barros Ferreira. Nasceu em Guimarães em 3 de Setembro do ano de 1750. Foram seus pais José de Barros Ferreira e Ana da Silva, naturais de S. Tiago da Faia, do concelho de Cabeceiras de Basto, comarca da então vila de Guimarães. Casou com Antónia Engrácia de Deus e Silva, natural de Lisboa, de quem teve dois filhos com os nomes Silêncio Cristão e Vigilância Perpétua. Faleceu em Lisboa em 30 de Outubro de 1803, sendo sepultado no claustro do convento de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos da Ordem Terceira da Penitência.

Até aqui o homem.

*

Agora o artista.

Foram seus biógrafos:

1.º — José da Cunha Taborda — *Regras da Arte da Pintura* (1815);

2.º — Cirilo Volkmar Machado — *Collecção de Memórias* (1823);

3.º — Conde de Raczynski — *Dictionnaire historique-artistique du Portugal* (1847);

4.º — Júlio de Castilho — *A Ribeira de Lisboa* (1893);

5.º — Sousa Viterbo — *Noticia de alguns pintores portugueses*, 1.ª série (1902);

6.º — Luciano Freire — *Catálogo do Museu Nacional dos Côches* (1923).

Se transcrevêssemos tudo quanto estes escritores têm publicado acerca do vimaranense ilustre de que tratamos, teríamos, como fácil é de conjecturar, de nos repetir muitas vezes. Com a publicação, acima, da bibliografia de Jerónimo de Barros Ferreira, tive-

mos apenas em vista o processo de prevenir honestamente quem nos ler de qual o número de fontes a que recorreremos para a organização da presente notícia. Seja todavia ponderado — quando menos a título de indicação — que a qualidade, número e interesse dos escritores citados justifica a recolha dos apontamentos que reunimos.

Jerónimo de Barros Ferreira iniciou a sua vida de artista aprendendo em Lisboa na oficina de Miguel António do Amaral (T. M. R.)⁽¹⁾. Pela ausência de notícias acerca deste professor, do qual é apenas citado o nome em Taborda e Machado, pode concluir-se não se tratar de artista de grandes merecimentos, tendo-se por isso o direito de afirmar que desta vez ou neste caso o discípulo excedeu o mestre.

Cultivou Barros Ferreira a arquitectura (T.), a pintura do retrato (T. M. R.), a decoração de palácios, templos e côches (T. M. R. C. F.), a gravura a água-forte (M. R.), o professorado (T. M.), a literatura (T. M. R.) e as colecções artísticas (V.).

Sobre as suas aptidões como architecto, Taborda afirma que «era muito versado na architectura», mencionando dêle (salvo melhor interpretação do texto) o traçado da capela de Santa Brígida na igreja do Lumiar, opinião esta que Raczyński corrobora.

No retrato criou renome, com quanto não seja ainda êsse o género que melhor contribuiu para a sua consagração entre o grande número de pintores da época. Pintou o retrato do artista e seu amigo o pintor António Caetano, que Taborda considera bom e diz ter, pelo colorido, «um pouco daquele gosto da escola Flamenga». Pintou o retrato «da Augustíssima Rainha Nossa Senhora» (D. Carlota Joaquina?), para a Condessa de Vimeiro, comendadeira do Convento de Santos (T. R.); pintou os retratos «dos ilustres pais do Excelentíssimo D. Miguel Pereira Forjaz» (T. R.); e pintou igualmente o seu auto-retrato, que Machado afirma pertencer à viúva do artista.

⁽¹⁾ Indicaremos os biógrafos de Barros Ferreira, com relação a cada um dos factos que reproduziram, apenas por uma inicial do seu nome. Assim: Taborda (T.), Machado (M.), Raczyński (R.), Castilho (C.), Viterbo (V.) e Freire (F.).

Pelo que respeita à decoração, Jerónimo de Barros Ferreira alcançou com ela a sua mais alta distinção. Freire, que é de costume sóbrio no emprêgo de adjectivos, salienta-o como especialista na pintura de flores e ornamentos. Esta opinião é digna de ser considerada, pois L. Freire é não só o organizador e director do Museu Nacional dos Côches — um museu cuja instalação honra o país e honrava qualquer país do mundo — como ainda um pintor, professor e reintegrador da pintura antiga da melhor e mais rara categoria. Também Júlio de Castilho (Visconde de Castilho) exalta as decorações de Barros Ferreira, chamando-o, pelo que respeita a êsse género (que de outro não trata), «notável artista». O conde de Raczyński, que por certo conheceu em Lisboa trabalhos do ilustre vimaranense, perfilha as opiniões de Taborda e Machado, sem alterar em nenhum aspecto o fervor dos seus dizeres. Nestes dois últimos noticiaristas é razão de ter em bom conceito estas duas circunstâncias: sendo contemporâneos do pintor, conheceram tôda a sua obra. Assim, reunindo todos os informes, vimos a saber que Jerónimo de Barros Ferreira pintou, em decoração, as figuras do tecto da Livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa (T. M. R.); além da architectura, pintou um quadro na capela de Santa Brígida da igreja do Lumiar (T. M. R.); o tecto da sala de jantar do palácio do Marquês de Marialva (T. R.); as salas do palácio do Conde da Feira (D. Miguel Pereira Forjaz) à Cruz da Pedra⁽¹⁾, cujas decorações diz Castilho que totalmente desapareceram; o tecto da casa da câmara do Marquês de Niza (T. R.); o tecto da capela-mor das Trinas do Rato (M. R.) e vários dos côches que se encontram no Museu Nacional do género, pois, segundo afirma Machado ... «quando Pedro Alêxandrino hia deixando as pinturas de segues para fazer cousas maiores, elle (Jerónimo de Barros Ferreira) o supprio naquelle genero de trabalhos com boa acceitação, e colorindo bem os meninos, os Deoses da fabula, e as Virtudes &c.» Um

⁽¹⁾ Actualmente propriedade e residência dos Condes de Bertandos, em Lisboa.

dos géneros cultivados pelo artista foi também o das bambochatas, muito em voga ao tempo.

Acêrca dos seus trabalhos a água-forte, o autor da *Collecção de Memorias* não menciona ou especializa assuntos, limitando-se a afirmar que Barros Ferreira exercera o género. Pensamos, todavia, que o anúncio que abaixo transcreveremos da *Gazeta de Lisboa* não deve ser estranho à venda de algumas obras desta espécie executadas por Barros Ferreira.

Trataremos agora do professor. A bondade mi-nhota, tam, bem representada na simplicidade e generosidade do nosso povo, transparece nesta nota que Taborda nos dá — "... e foi tão affeiçãoado á sua profissão, que não perdia occasião de recomendá-la chegando até a franquear generosamente a sua casa a todos, que quizessem aproveitar-se das suas instruções, sem que daqui lhe resultasse o menor interesse." Jerónimo de Barros Ferreira foi o primeiro professor de Gregório Francisco Queiroz, gravador de renome que mais tarde foi em Londres discípulo de Bartolozzi, e acabou por ser substituto dêste em Lisboa (M.). Barros Ferreira foi ainda professor do «brasileiro famoso» José Basílio da Gama, o qual, conduzido pelo seu professor à Academia de S. José, deu ali uma noite as suas esplêndidas provas públicas, desenhando «um acto que deixou ficar na Sala».

Na literatura, Barros Ferreira não foi apenas o tradutor do italiano da *Arte da Pintura* de Mr. Fuduresnay, mas executou também, da sua lavra, uma descrição da alegoria engenhosa que havia pintado na casa da câmara do Marquês de Niza, no seu palácio de Xabregas.

Finalmente transcreveremos da *Gazeta de Lisboa* de 25 de Julho de 1801 o que diz respeito ao coleccionador de obras de arte:

«Nas segundas e quartas-feiras de cada semana, em casa de Jeronimo de Barros Ferreira, professor de Desenho e Pintura, junto ao Poço dos Negros, se ha de fazer venda publica de uma boa collecção de 407 Desenhos dos melhores e mais antigos Mestres, em que entrão muitos de Raphael d'Urbino, de Miguel Angelos Buenarota, de Julio Romano, de Corregio, de Ticiano e de muitos outros Autores de grande

nome, os quaes se farão ver a todos os amadores da Arte que nelles quizerem lançar. Tambem ha alli para o mesmo fim huma collecção de 358 Estampas de varios Authores.»

Esta nota é iniludível — é o sinal honradamente velado da doença e da penúria.

*

Jerónimo de Barros Ferreira pintou em Portugal num período artístico de evidente decadência; período caracterizado não só pela falta de acção mental no plano das composições, como ainda, em geral, pela falta de personalidade no processo de pintar. Salientam-se em meio de um número prolongado de pintores, em tal tempo, apenas três nomes: Vieira Portuense, Pedro Alexandrino e, sobre tudo, o grande Sequeira. Não foi, pois, o pintor vimaranense um artista dos de primeiro plano, na sua época, embora não tivesse pertencido ao número dos últimos e mais vulgares pintores dêsse, em Arte, anódino final do século XVIII.

Retratista meritoso, foi sobretudo como decorador que Jerónimo de Barros Ferreira representou um papel de incontestabilíssimo destaque e segura glória entre os artistas e a sociedade do seu tempo. Com decorações que se não limitavam ao género ornamental, mas compreendiam igualmente o trabalho de figura, a qualidade da sua obra no género resalta não só das palavras de elogio dos pintores e biógrafos seus contemporâneos (T. M.), da qualidade social das pessoas que utilizaram os seus pincéis, como também do fim sumptual a que era dedicado cada um dos muitos aposentos que decorou pela pintura.

No género, foi dos primeiros artistas portugueses da segunda metade do século XVIII.

Foi assim, pelo menos, de um grande pintor-decorador que tratámos, e com cuja glória muito legitimamente se deve orgulhar Guimarães, sua terra natal.